

Elisão da Vogal Não-recuada Final e a Palavra Prosódica no Português Europeu *

MARINA VIGÁRIO
(Universidade do Minho)

0. Introdução

A elisão de vogal não-recuada em posição final seguida de vogal tem sido objecto de descrição em diversos estudos sobre o Português Europeu, dos quais destacamos Gonçalves Viana (1883), Sá Nogueira (1938), Andrade e Viana (1993), Frota (1996) e Ellison e Viana (1996).

A partir destas descrições, três factos ressaltam: (i) os juízos sobre a possibilidade, obrigatoriedade ou impossibilidade de glide não-recuada nem sempre coincidem quando considerados os mesmos tipos de dados; (ii) a queda de vogal não-recuada que afecta as palavras acentuadas nem sempre é explicitamente diferenciada da que afecta as palavras funcionais não-acentuadas; (iii) a queda de vogal não-recuada e a queda de vogais recuadas nem sempre surgem como diferentes processos. Em nenhum destes estudos, por outro lado, é proposta uma análise deste fenómeno satisfatória e/ou abrangente.

O presente estudo tem como objectivo contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno em causa. Para tal, apresentamos no ponto 1 uma nova descrição do processo, baseada na nossa intuição e numa tarefa de produção executada por três informantes. Nos pontos 2 e 3 pretendemos demonstrar que o processo de elisão de vogal não-recuada que afecta as palavras acentuadas é distinto do que afecta as palavras não-acentuadas e que o processo de elisão de vogal não-recuada, em geral, é distinto do processo de elisão de outras vogais. Finalmente, defendemos no ponto 4 que uma análise da alternância glide/zero que envolva elisão de vogal é preferível a uma análise de inserção de glide/vogal e desenvolvemos uma proposta de análise dos processos de elisão de vogal não-recuada onde a noção de Palavra Prosódica e as estruturas de adjunção a Palavra Prosódica desempenham um papel central.

A análise proposta tem como enquadramento teórico a Fonologia Prosódica, tal como apresentada em Nespor e Vogel (1986) e Hayes (1989) e a Fonologia Lexical, tal como defendida em Kiparsky (1982) e Booij e Rubach (1987) e as propostas mais recentes sobre o tratamento de exceções ao nível pós-lexical de Hayes (1990) e Nespor (1990) e sobre a prosodização das palavras funcionais de Selkirk (1995), Booij (1996) e Peperkamp (1996).

1. Os contextos de elisão de vogal não-recuada final

A vogal não-recuada final pode realizar-se em certas circunstâncias como [j] quando seguida por uma palavra começada por vogal.¹ No entanto essa realização depende de diversos factores, sendo em muitos casos impossível.

Os exemplos em (1) mostram a obrigatoriedade de elisão quando a segunda palavra (P2) começa por vogal átona.

(1) forte₂ abrigo; pobre₂ artista; deve₂ optar²

A presença de glide é possível com palavras acentuadas seguidas de vogal (V2) acentuada, como (2) ilustra, ou com palavras funcionais não-acentuadas, como em (3).

(2) nove₂ anos; grande₂ homem; nesse₂ ano

(3) gosto de₂ animais; quero que₂ aceites isto

Contudo, formas como as apresentadas em (2) são excepcionais, já que na generalidade dos casos, em contextos semelhantes, a glide não é hoje uma realização possível, como mostram os exemplos em (4).

(4) pele₂ alva, enorme₂ obra, verde₂ único, come₂ uvas³

Por outro lado, é de notar que, com maior ou menor probabilidade de ocorrência e dependendo de diferentes factores, também a elisão pode caracterizar as produções das sequências em (2) e (3).⁴

Há ainda um conjunto de circunstâncias, apresentadas em (5), em que a ausência de glide é impossível ou marginal, ou alterna com a sua presença.

- (5) a. disse₂-o; deixe₂-o⁵
 b. norte₂-americano; entre₂-aberto; sobre₂-humano⁶
 c. MRPP (eme₂-erre-pê-pê); PSR (pê-esse₂-erre)⁷
 d. verde₂-água; grande₂-área

Vejamos agora um pouco mais detalhadamente a alternância glide/zero envolvendo palavras acentuadas e esta alternância envolvendo palavras não-acentuadas.⁸

2. Palavras acentuadas *versus* palavras não-acentuadas

As palavras acentuadas e as palavras (funcionais) não-acentuadas apresentam um comportamento claramente distinto no que se refere à alternância glide/zero, não só pelos factores que condicionam a presença ou ausência de glide mas também pela diferente opção - de glide ou de elisão - no que se refere às situações mais frequentes.

Quanto às *palavras acentuadas*, como vimos, a situação não-marcada (no sentido em que não estão envolvidos itens lexicais particulares) é a não-realização da glide (vejam-se dados do tipo dos apresentados em 1 e em 4). Por outro lado, quando a glide é possível, a sua ocorrência depende de: (i) os itens lexicais específicos envolvidos (cf. 2 *versus* 4); a presença de acento de palavra em V2 (cf. 1 *versus* 2); a presença de acento de Sintagma Fonológico (ϕ) em V2 (cf. 6a *versus* 6b).⁹

- | | |
|---------------------|------|
| (6) a. durante anos | [j] |
| b. durante esse ano | *[j] |

Quanto aos casos envolvendo compostos, como em (5e-d), apenas a ocorrência de acento em V2 é condição para a presença de glide. Se o primeiro elemento de uma sequência deste tipo for uma palavra funcional (ou tiver um estatuto prefixal), no entanto, a glide pode ocorrer mesmo que V2 não seja portadora de acento de palavra, como em (5b).

Quanto às *palavras (funcionais) não-acentuadas*, a situação mais comum parece ser a presença de glide.¹⁰ Por outro lado, factores como o acento em V2 não parecem desempenhar qualquer papel na selecção da realização com glide. Tal contrasta com outros factores como a *velocidade de elocução* e a *posição dentro de I*: no estudo que efectuámos (cf. nota 2), verificámos um aumento na queda de vogal de 17% em velocidade rápida, relativamente à velocidade mais lenta, e um aumento de 21% na queda de vogal em interior de Sintagma Entoacional (I), por oposição à posição inicial.¹¹

Finalmente, importa isolar o caso da sequência verbo-clítico, ilustrada em (5a): por um lado, estamos perante uma palavra acentuada que não é seguida de V2 acentuada, por outro lado, a glide não só é possível como é obrigatória.

3. ELISÃO de vogal não-recuada *versus* ELISÃO de vogal recuada

A distinção entre a queda de vogal não-recuada e a queda de vogal recuada surge expressa em Gonçalves Viana (1883) e em Ellison e Viana (1996), e aparece implícita em Sá Nogueira (1938) e em Frota (1996), que apenas trata as sequências envolvendo vogais recuadas. De um modo sistemático, apresentamos abaixo os factores que nos parecem mais relevantes nessa diferenciação.¹²

Tanto a queda de vogal não-recuada, como a queda de vogal recuada pode ser bloqueada quando da sua ocorrência resulta um antagonismo acentual (cf. Frota 1996) em que estejam envolvidas as sequências de níveis de acento 3-4.¹³ É este facto que

explica o contraste entre (6a) e (6b) e entre (7a) e (7b), já que em (6b) e em (7b) estamos perante uma sequência de níveis de acento 3-3.¹⁴

- | | |
|---|----|
| (7) a. um amigo [com <u>o</u> esse] _φ fazia-me falta | *0 |
| b. era meigo [com <u>o</u> esse animal] _φ | 0 |

Note-se que, para além dos níveis de acento das vogais em causa, o nível de acentuação relevante é o do φ e não o acento de "frase": em (7a) V2 é portadora de acento de φ mas não de acento de I.

No entanto, o caso da ausência de queda de vogal não-recuada, como vimos, envolve itens lexicais particulares, enquanto o bloqueio à queda de vogais recuadas caracteriza qualquer sequência em que a sua ocorrência origine um antagonismo acentual de nível relevante.

Por outro lado, o bloqueio da queda de vogal não-recuada não é possível quando a situação de antagonismo envolve elementos pertencentes a diferentes φ's, ao contrário do que sucede com a vogal posterior, que não pode elidir nestas circunstâncias, como mostra o contraste entre (8a) e (8b) e entre (9a) e (9b).

- | | |
|---|---------|
| (8) a. viveu [com onz <u>e</u>] _φ [horas] _φ de imensa aflição | *[j]/0 |
| b. viveu [onz <u>e</u> horas] _φ de imensa aflição | [j] |
| (9) a. [o músico african <u>o</u>] _φ [ama] _φ a bailarina russa | ?[w]/*0 |
| b. [o músic <u>o</u> africano] _φ ama a bailarina russa ¹⁵ | [w] |

A queda de vogal não-recuada é, portanto, um processo distinto do envolvido na queda de vogal recuada: o primeiro processo é mais generalizado no sentido da frequência de ocorrência, já que o seu bloqueio devido a situações de antagonismo apenas caracteriza sequências de itens particulares, mas o segundo é mais geral, no sentido fonológico, pela ausência de restrições lexicais que condicionem o seu bloqueio.

4. Proposta de análise do processo de elisão de vogal não-recuada

Antes de mais, a nossa proposta baseia-se no pressuposto de que a vogal não-recuada (V[-rec]) existe no nível subjacente e não que ela é o resultado de uma inserção. Na secção seguinte procuraremos motivar esta assunção.

4.1. Elisão de vogal *versus* inserção de vogal

Em Ellison e Viana (1996:274) considera-se o schwa - que ocorre, por exemplo, em palavras como 'disse' e que em certas circunstâncias se pode manifestar foneticamente - uma vogal epentética, no sentido em que não lhe é atribuída "uma representação lexical independente da das consoantes". Para estes autores, o que é relevante, portanto, não é

saber em que condições ela pode ser elidida mas sim em que condições ela pode ou tem de se realizar foneticamente.

Se bem que as circunstâncias em que se dá a queda resultem muito frequentemente na ausência da vogal ou semivogal, os seguintes argumentos apontam, quanto a nós, para a necessidade de se assumir, pelo menos em muitos casos, a existência de uma vogal não-recuada no nível subjacente:¹⁶

- o morfema do conjuntivo nos verbos da 2ª e 3ª conjugações apresenta uma alternância fonologicamente predizível em função do acento (e.g. fale / fal[*e*]mos). A análise desta alternância é simples se se assumir que em ambas as formas existe o morfema do conjuntivo, que a sua forma fonológica é /*e*/ e que esta vogal em posição átona reduz para schwa ou elide (cf. Mateus 1975);

- a vogal temática dos verbos da segunda conjugação apresenta alternâncias na sua forma fonética, do mesmo modo que o morfema do conjuntivo, em função da posição do acento (e.g. 'come' / 'com[*e*]mos'). Por sua vez, a presença da vogal temática nestes verbos, mesmo em posição final absoluta, no nível subjacente, é demonstrada, por exemplo, pela sua importância na selecção do alomorfe de conjuntivo apropriado: a vogal [+rec] que ocorre em 'coma' e não a vogal [-rec], cuja presença se dá apenas quando o tema verbal termina em vogal [+rec];

- a selecção da forma dos pronomes clíticos, assumindo que é feita com base em informação fonológica (como sugerido nomeadamente em Barbosa 1994), mostra que as terminações verbais do tipo das que estamos aqui a considerar são vocálicas e não consonânticas (cf. 'ache-o' / *'a-lo' *versus* *'aches-o' / 'ache-lo');

- o contraste na realização do plural de palavras como 'pele' e 'papel' parece-nos poder ser entendido como resultante de duas representações fonológicas distintas, uma envolvendo vogal em posição final, outra envolvendo lateral em posição final, respectivamente (cf. 'peles' e 'males' *versus* 'papéis', 'animais');

- as consoantes que precedem o schwa ou o zero fonético comportam-se, na generalidade, como consoantes em ataque e não como consoantes em coda: por exemplo e como notado em Barbosa (1994), todas as fricativas do sistema fonológico podem realizar-se antes desta vogal, isto é, as fricativas nesta posição não sofrem alterações ao nível do ponto de articulação ou do vozeamento em função do contexto seguinte (cf. 'asse', 'case', 'ache', 'age'); também as consoantes nasais não sofrem nesta posição os processos típicos da nasalidade em posição final de palavra (cf. 'pane' e 'une' *versus* 'pão' e 'um');

- como vimos, há um conjunto de circunstâncias, para além das consideradas em Ellison e Viana (1996) envolvendo situações de antagonismo, em que a vogal, realizada como schwa ou zero quando a palavra é produzida em posição final absoluta, se realiza como [i] ou [j] (e.g. 'pede-o', '(não) te ouço'; 'se ouvimos'; 'de ouro'; 'norte-americano'). Estes casos assemelham-se, pelo menos parcialmente, aos casos em que uma vogal não-recuada se encontra em posição átona em interior de palavra seguida de vogal (cf. 'readaptar', 'preocupar', 'passear'). Note-se que, no caso de 'passear', a forma 'passaio' demonstra a existência de um /*e*/ na representação fonológica.¹⁸ Deste modo, uma análise que pressuponha inserção tem que dar conta, para além do acima notado, de um vasto conjunto de situações de inserção, por um lado, e da 'coincidência' de comportamento da

vogal não-recuada *básica* em interior de palavra e da vogal não-recuada *inserida* entre duas palavras.

Assim, parece-nos sustentada a hipótese de existir uma vogal não-recuada no nível subjacente nos casos em observação. O passo seguinte será pois estabelecer as condições para a sua elisão.

4.2. A importância da Palavra Prosódica e restrições à aplicação de RgV[-rec]

Como vimos, existem antes de mais dois conjuntos de dados distintos: um envolvendo como primeira palavra (P1) uma palavra acentuada, caso em que normalmente se dá a elisão, e outro envolvendo como P1 uma palavra funcional não-acentuada, caso em que a glide coexiste com a elisão e depende de um conjunto variado de condições de realização.

A nossa proposta é, pois, a de analisarmos cada caso separadamente: a elisão nos casos das palavras acentuadas é explicável, quanto a nós, pela aplicação de uma regra de elisão cujo domínio é definido fonologicamente, enquanto a queda de vogal nas palavras funcionais depende de condições de redução, específicas deste tipo de palavras.

Começemos, assim, pela regra de elisão que afecta as palavras acentuadas.

Dado que a não-elição de V[-rec] apenas é possível com sequências envolvendo certos itens lexicais, a possibilidade de bloqueio da elisão de V[-rec] tem de ser definida na entrada lexical de itens particulares. Isto significa que é necessário que, no momento da sua aplicação, a regra possa aceder a informação lexical. Assim sendo, esta regra não é puramente fonológica, no sentido definido em Nespor e Vogel (1986) ou Nespor (1990): a regra não se aplica automaticamente, sempre que o seu contexto fonológico de aplicação se verifica, e faz referência a informação lexical. Não sendo uma regra puramente fonológica, ela pode fazer referência a informação de natureza morfológica ou sintáctica, como sucede com as regras apresentadas e discutidas, por exemplo, em Hayes (1990) e Nespor (1990). No entanto, os dados que apresentamos a seguir mostram que tal não é o caso: não só o domínio no qual se aplica a regra como a definição das condições para o seu bloqueio são fonológicas.

Como vimos, a vogal elide obrigatoriamente tanto quando termina palavras lexicais como quando termina palavras gramaticais (cf., por exemplo, 1, 4 e 6b). Tal poderia ser formulado nas condições de aplicação da regra de elisão recorrendo à noção sintáctica de X°. No entanto, o facto de a regra apenas se aplicar quando a palavra gramatical é acentuada, mostra que esta solução é incorrecta (cf. contrastes como 'esse animal' - *[j] - versus 'de animais' - [j]/0). Pelo contrário, se recorrermos ao estatuto fonológico das formas às quais a regra se aplica, podemos agrupá-las na classe natural das unidades portadoras de acento (de palavra).

Na literatura, tem sido defendido para várias línguas que o domínio de atribuição do acento é a Palavra Prosódica (ω) (cf. entre muitos outros, Nespor e Vogel 1986 para o Latim e para o Turco, Booij 1995 para o Neerlandês e Wiese 1996 para o Alemão). Se assumirmos que a cada unidade acentuada corresponde uma ω e que cada ω é portadora

de acento, podemos dar conta dos casos de queda de V[-rec] referindo nas condições de aplicação da regra este domínio prosódico.

A regra de elisão pode, portanto, ser formulada como em (10).

(10) Regra de elisão de vogal não-recuada (RgV[-rec])

$$\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{[-rec]} \end{array} \rightarrow 0 / \text{ ___ }]\omega$$

Observemos agora as condições para o bloqueio de RgV[-rec], no caso dos itens lexicais particulares.

Como vimos, para haver bloqueio à aplicação da regra em (10) é necessário que V2 seja acentuada. Para além deste facto, é necessário que a primeira palavra (P1) e a segunda palavra (P2) estejam numa *certa configuração*. Formas como (11), em que a elisão é obrigatória em a. e em que ela é bloqueada em b., sugerem que tanto uma análise que define essa configuração em termos sintácticos, como uma análise que define essa configuração em termos prosódicos pode dar conta do bloqueio à aplicação de RgV[-rec]: no primeiro caso, podemos definir o bloqueio como actuando apenas quando P1 e P2 pertencem à mesma projecção máxima, no segundo, como actuando apenas quando P1 e P2 pertencem ao mesmo Sintagma Fonológico (ϕ).

- (11) a. viveu com onze] [horas de imensa aflição *[j]/0
 b. viveu onze] horas] [de imensa aflição [j]/*0

Contudo, a possibilidade de glide numa sequência como (12) mostra que a presença de uma fronteira de constituinte sintáctico não regula a aplicação ou o bloqueio da regra já que a glide pode realizar-se em (12a) mas não em (11a). Pelo contrário, a definição do domínio do bloqueio em termos de domínios prosódicos, mais especificamente de ϕ , permite dar conta do bloqueio de RgV[-rec] em (11b) e em (12b).

- (12) a. [um grande s_N [homem [de negócios]]] (estrutura sintáctica)
 b. [um grande homem] ϕ [de negócios] (estrutura prosódica)

Por outro lado, dados como os em (13) mostram que, para haver bloqueio, é necessário que V2 seja portadora, não só de acento de palavra, mas também de acento "de nível superior", noções essas de natureza claramente fonológica: em (13a e b) P2 recebe acento de ϕ e a glide é possível (isto é, pode haver bloqueio de RgV[-rec]), enquanto em (13a' e b'), se houver reestruturação, P2 não é cabeça de ϕ e RgV[-rec] opera, não havendo, portanto, bloqueio.¹⁹

- (13) a. [sete ânforas] ϕ versus a' [sete ânforas intactas] ϕ
 b. [nesse ano] ϕ b' [nesse ano todo] ϕ

Que o nível de acentuação relevante é ϕ e não o Sintagma Entoacional (I) é demonstrado pela manutenção do comportamento observado em (13a e b) independentemente da posição de P2 dentro de I, quando apenas em posição final, em frases não-marcadas, P2 é cabeça de I.²⁰

Podemos deste modo concluir que tanto na formalização de RgV[-rec] como na formalização das condições que permitem o seu bloqueio (cf. 14), apenas informação fonológica (prosódica) é referida.

(14) Condições para o bloqueio de RgV[-rec]

$$[\dots [\dots \text{---}]_{\omega 1}]_{\omega} [\text{'V } \dots]_{\omega 2_s}]_{\phi}$$

Em que $\omega 1$ ='grande', 'durante', 'esse', 'onze', 'vinte' ...

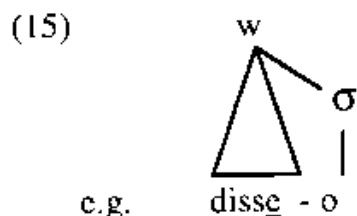
É de notar que, de acordo com os dados, o bloqueio não é obrigatório, e a maior ou menor marcação na sua aplicação depende de $\omega 1$ e possivelmente também de $\omega 2$ (veja-se o contraste entre 'onze horas' e 'sete horas' - em que a elisão é marcada no primeiro caso mas não no segundo - e entre 'onze horas' e 'onze ursos' - neste último caso a realização com glide parece-nos marginal).²¹

A segunda questão que se coloca após a formalização da regra e das condições para o seu bloqueio é o momento de aplicação de RgV[-rec].

Sendo esta regra bloqueada numa sequência cuja definição implica informação de domínios prosódicos contruídos pós-lexicalmente, a única possibilidade parece ser a aplicação pós-lexical da regra, posterior à construção dos referidos domínios. Também a necessidade de a vogal existir em vários níveis lexicais, segundo os argumentos apresentados acima, aponta no mesmo sentido.

No entanto, por ser uma regra que também faz referência a informação lexical (só com itens lexicais particulares elas pode ser bloqueada), ela deve preceder a aplicação das regras pós-lexicais puramente fonológicas, mas pode ou não preceder outros processos excepcionais pós-lexicais (cf. Hayes 1990). A selecção das variantes dos pronomes clíticos parece-nos um destes processos, já que ela não deve operar-se no léxico por pelo menos três motivos: (i) a ocorrência de enclíticos não altera a posição do acento no hospedeiro verbal; (ii) regras fonológicas como a centralização de /e/ acentuado quando seguido de palatal não se aplicam se a palatal pertencer a um clítico (cf. 't/e/ lha' > 't[α]lha' versus 'd/e/-lhe' > *d[α]-lhe); (iii) quando há movimento de próclise (desencadeada por certos vocábulos numa certa configuração sintáctica e/ou prosódica²²), a forma do alomorfe não é necessariamente idêntica à que se obteria se não tivesse havido próclise, o que mostra que o alomorfe ainda não tem uma forma determinada quando se opera o movimento. Assim o processo de selecção das variantes dos clíticos deverá ser pós-sintáctico. No entanto, ele precede a aplicação de RgV[-rec] já que a selecção da forma do enclítico, como vimos, pressupõe a presença da vogal final no verbo (cf. ache-o/*a-lo).

O facto notado, juntamente com a análise até aqui desenvolvida, permite, nomeadamente, explicar por que razão RgV[-rec] não opera entre o verbo e o clítico: uma vez que a regra apenas se aplica pós-lexicalmente, isto é, *depois* da adjunção do enclítico ao verbo, ela deixa de ter contexto de aplicação se houver *incorporação* do clítico na ω precedente, numa estrutura como (15) (cf. Vigário (a aparecer))²³.



A mesma estrutura dá conta da aplicação da regra à vogal final de um enclítico, que se encontra agora em fim de ω , apesar de os pronomes clíticos, por si, não serem ω s (como nomeadamente a ausência de acento de palavra demonstra²⁴), tal como exemplificado em (16): a vogal final do clítico incorporado na ω precedente encontra-se em posição final de ω , sendo portanto elidida por RgV[-rec].

(16) [dou-te]_ω [animais] * [j]/0

Processos que nos parecem puramente fonológicos, no sentido em que não apresentam excepções, e que se aplicam depois da queda da vogal não-recuada são, nomeadamente, o processo de velarização da lateral (cf. 17a) e o processo de ressilabilização (cf. 17b):²⁵

(17) a. vale muito > va[t̪].mui.to
b. vale a pena > va. [i]a.pe.na

Os factos até aqui descritos aproximam-se dos tratados em Hayes (1990) dado que estamos perante uma regra que se aplica entre palavras e que tem excepções na sua aplicação. Na proposta de Hayes apenas existem dois tipos de regras fonológicas: as *verdadeiras regras sintagmáticas* ("phrasal"), cuja aplicação é pós-sintáctica e que apenas podem referir os níveis da hierarquia prosódica, e as *regras lexicais*, que se aplicam no léxico, pré-sintacticamente.²⁶ A regra que estamos a estudar não parece, todavia, nem de um tipo nem de outro: por um lado, a regra refere claramente a hierarquia prosódica mas necessita de informação lexical; por outro, a sua aplicação num nível pré-sintáctico é, como vimos, empiricamente questionável. Também o facto de as excepções dizerem respeito ao seu bloqueio e não à sua aplicação torna RgV[-rec] diferente das regras tratadas em Hayes. Na realidade, apenas excepcionalmente a regra é bloqueada, e mesmo nestes casos só opcionalmente, o que significa que as condições para a sua não-aplicação estão em perda e, portanto, que a tendência é para a generalização da sua aplicação. Neste sentido, ela está mais próxima de uma 'verdadeira regra

sintagmática'. Pelo contrário, os processos descritos em Hayes têm uma ocorrência mais limitada, decorrente da definição das restrições à sua aplicação.

Em Nespor (1990) é proposto um conjunto de alterações às propostas de Hayes (1990), mantendo o mecanismo central que permite restringir o acesso da componente fonológica a informação de natureza sintáctica. Como é aí notado, em Hayes (1990:388) as regras lexicais não podem fazer referência a informação prosódica de nível superior ao de ω porque, no momento em que se dá a inserção lexical, que é também o momento em que os alomorfes apropriados são seleccionados para a inserção, a estrutura prosódica acima de ω ainda não foi construída. De modo a possibilitar que existam regras que, embora se apliquem apenas a um conjunto de formas, referem também informação prosódica, como é defendido ser o caso do *Troncamento*, em italiano, é proposto em Nespor (1990) que a inserção lexical seja dividida em dois processos que ocorrem em momentos diferentes - um que diz respeito às especificações sintácticas e semânticas e outro que diz respeito à instanciação fonológica e à selecção dos alomorfes -, e que este último processo ocorra na gramática *depois* da construção dos domínios prosódicos superiores a ω (sobre os detalhes da argumentação, veja-se o artigo citado). Ou seja, existem dois tipos de grelhas (*frames*) lexicais: um que refere informação sintáctica, outro que refere informação prosódica, mas nenhum pode referir simultaneamente informação sintáctica e prosódica, uma vez que no momento em que a informação prosódica está disponível a informação sintáctica já não está acessível.

A abordagem de Hayes (1990), com as alterações propostas em Nespor (1990) permite, assim, analisar a regra RgV[-rec] como uma regra lexical que se aplica no momento do segundo passo da inserção lexical, momento em que pode aceder a informação prosódica, pois já existem ω s com clíticos incorporados e ϕ s.

Finalmente, uma segunda questão tratada em Nespor (1990) diz respeito à possível variação do domínio das regras devido à ocorrência de reestruturação dos domínios acima do nível da palavra. Um dos domínios que pode reestruturar é ϕ : de acordo com o algoritmo de construção de ϕ (cf. nota 9), as sequências descritas em (18) são integradas na estrutura prosódica como dois ϕ s:

- (18) a. [sete ânforas] _{ϕ} [intactas] _{ϕ}
 b. [esse ano] _{ϕ} [todo] _{ϕ}

Posteriormente, é aplicada uma regra, cuja opcionalidade ou obrigatoriedade depende das línguas, responsável pela reestruturação de ϕ s que não ramificam, daí resultando um único ϕ e apagando-se a fronteira de ϕ inicial (cf. 19).

- (19) a. [sete ânforas intactas] _{ϕ}
 b. [nesse ano todo] _{ϕ}

A aplicação de RgV[-rec] nesta situação produz os melhores resultados, isto é, a vogal é preferencialmente elidida, o que mostra que a sua aplicação se verifica no domínio de ϕ restruturado. Isto significa que a regra pode estar activa novamente *após* a reestruturação, tal como parece suceder com *Troncamento*. Este facto conduz Nespor (1990:391) à seguinte conclusão: "The frames must then be seen as a type of well-formedness condition that must be satisfied at whatever level of the derivation [it] is applicable".

Por outro lado, a *possibilidade* de bloqueio da regra nestes contextos pode resultar da *opcionalidade* de reestruturação: no caso de não operar a reestruturação, V2 é portadora de acento de ω e de ϕ , preenchendo assim os requisitos para bloquear a elisão.

Estes dados apontam para a reestruturação de ϕ não ser obrigatória, nesta variedade de Português, mas para a sua não ocorrência ser marcada - uma questão que é levantada, nomeadamente, em Frota e Vigário (1996) e em Vigário (1997), e que se encontra ainda em aberto.

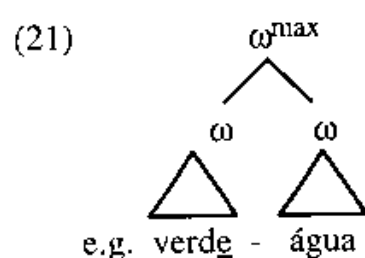
4.3. Compostos lexicais e enfraquecimento prosódico

Um segundo conjunto de dados envolvendo palavras acentuadas é o dos compostos lexicais, como os que apresentamos abaixo:²⁷

- (20) a. verde-água [j]
 b. FM (efe-eme) [j]
 c. verde-azeitona *[j]/0

Embora estejamos perante uma situação muito semelhante à anteriormente descrita, ela não é a mesma: também aqui ocorre a elisão da vogal não-recuada, que é bloqueada se V2 for portadora de acento de ω (veja-se o contraste entre (20 a e b) e (20c)), mas nestes casos não há restrições a respeito da necessidade de ser também portadora de acento de ϕ ; por outro lado, o domínio em que opera o bloqueio não é ϕ mas sim a categoria prosódica que domina os elementos do composto.

Em Booij e Rubach (1984) é proposta a existência de recursividade ao nível de ω , de modo a dar conta de fenómenos que demonstram operar entre compostos fonológicos (para as evidências fornecidas, baseadas no Inglês e no Polaco, veja-se o artigo citado). Se adoptarmos uma análise semelhante para os casos em observação, obtemos uma estrutura como (21).



À partida, a regra responsável pela elisão da vogal em 'verde-azeitona' pode ser RgV [-rec], embora também seja possível estarmos perante uma regra cujo efeito é idêntico mas que se aplica na componente lexical e não na componente pós-lexical - salvo a restrição do nível de acento de ϕ em V2, o comportamento é idêntico ao anteriormente descrito, nomeadamente na pertinência da categoria prosódica ω para a aplicação da regra e na opcionalidade do bloqueio.

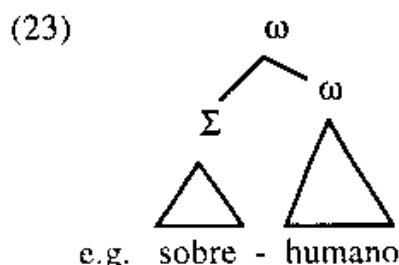
Há no entanto uma distinção adicional que nos parece significativa: não encontramos neste caso motivação para restringir a possibilidade de bloqueio a sequências de palavras particulares, o que pode sugerir que RgV[-rec] se possa aplicar na componente lexical no domínio de ω^{\max} , comportando-se, neste caso, como uma regra puramente fonológica, que apenas pode ser bloqueada (opcionalmente) pelo acento em V2, facto que não constitui uma excepção à sua aplicação mas sim uma restrição que decorre de factores rítmicos gerais, como o de evitar a criação de antagonismos.²⁸

Já as sequências envolvendo palavras funcionais acentuadas apresentam dificuldades adicionais, ao admitirem glide a par de elisão quando V2 é *não-acentuada*, como ilustrado em (22).

(22) entre-aberto; sobre-humano; norte-americano

A análise prosódica que propomos é a seguinte. Sendo palavras acentuadas, 'entre', 'sobre' e 'norte' podem ser prosodizadas como ω s, constituindo, nestes casos, uma Palavra Prosódica Composta (ω^{\max}) com a ω com a qual formam um composto prosódico (numa estrutura como 21). Nestes casos, apenas a elisão é possível, já que as condições para o bloqueio de RgV[-rec], isto é, acento de palavra em V2, não se verificam.

No entanto, estas palavras são elementos gramaticais de tipo prefixal, podendo estabelecer com o segundo elemento uma relação de dependência que podemos traduzir por uma estrutura prosodicamente defectiva, como em (23), em que a palavra funcional deixa de ser dominada por ω , à semelhança (parcial) do que tem sido proposto para outras unidades prosodicamente dependentes, como os clíticos (cf., entre outros, Booij 1996 para o Neerlandês):

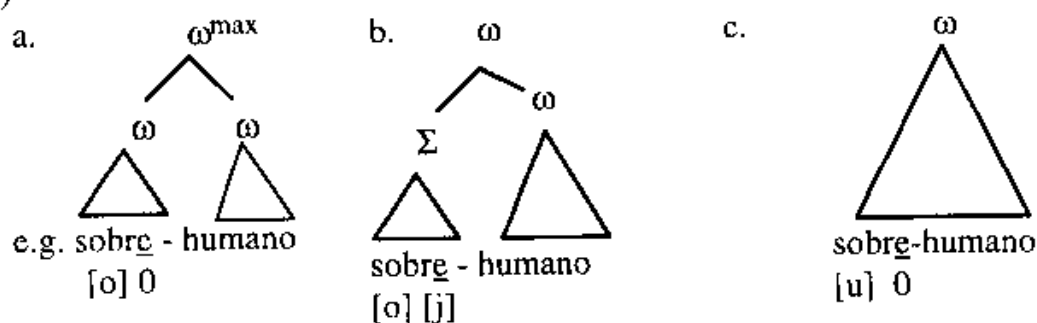


Esta estrutura permite, por um lado, que a regra de elisão não opere em 'sobre', uma vez que neste caso a vogal não termina ω , e, por outro, que o estatuto de elementos como 'sobre' seja ainda assim mais forte do que o atribuído a certos proclíticos em diversas línguas, prosodizados como sílabas adjungidas aos seus hospedeiros (cf., entre outros,

Selkirk 1995, Peperkamp 1996 e Booij 1996 e, para uma proposta para o Português, Vigário (a aparecer)). Que 'sobre' ainda recebe um certo grau de acentuação mostra-o a vogal não-reduzida [o].

Existe, contudo uma terceira possibilidade de realização da sequência 'sobre-humano': com elisão da vogal final e, crucialmente, com redução da primeira vogal. A nossa interpretação deste facto é a de que pode ocorrer um nível adicional de enfraquecimento de 'sobre' que resulta na queda da segunda vogal e na sua integração total na ω seguinte, passando, assim a formar uma única palavra prosódica com o, originalmente, segundo elemento (cf. 24c).²⁹ Em (24) sistematizam-se as três possibilidades de prosodização propostas para unidades compostas envolvendo palavras funcionais acentuadas e ω s. (24b e c) são estruturas entendidas como fases de um processo de enfraquecimento, que resulta em (24c) na incorporação da palavra funcional na palavra seguinte.

(24)

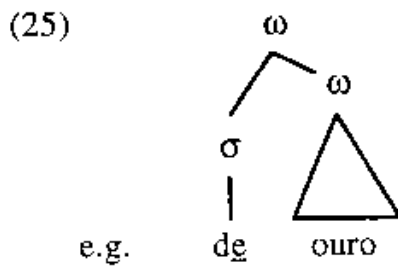


A diferença entre estes casos e os dos compostos envolvendo apenas palavras lexicais (com um estatuto não-prefixal) é que, em princípio, apenas a estrutura em (24a) é possível nos segundos, daí a elisão ser a única possibilidade em formas como 'verde-azeitona'.

4.4. Palavras funcionais não-acentuadas e o seu estatuto prosodicamente defectivo

A abordagem concluída no ponto anterior, que estabelece uma relação entre o 'peso' fonológico (cujo correlato é, nomeadamente, a acentuação) e a prosodização, permite-nos dar conta de um modo simples do segundo grande conjunto de dados, envolvendo palavras funcionais monossilábicas não-acentuadas.

O facto de estes elementos não terem acento de palavra e apresentarem como única vogal uma vogal reduzida permite-nos colocar a hipótese de eles não serem prosodizados como ω s ou como Σ s, mas apenas como sílabas (σ s), à semelhança do que tem sido proposto para unidades semelhantes noutras línguas (cf. Vigário (a aparecer) e os trabalhos aí referidos). Assim, RgV[-rec] não tem contexto de aplicação, pelo que não opera (cf. 25).³⁰



No entanto, para além da possibilidade de glide, também a elisão pode ocorrer, como vimos no ponto 2., acima.

Poderíamos colocar a hipótese de as palavras funcionais não-acentuadas serem opcionalmente prosodizadas como ω s, o que permitiria a aplicação de Rg[-rec]. Contudo, os casos em que a elisão ocorre são exactamente aqueles em que a palavra funcional parece mais fraca e dependente. Assim, a hipótese que defenderemos é a de que a elisão corresponde a um processo de redução típico de palavras funcionais não-acentuadas. Deste modo, damos conta, não só da possibilidade de alternância [j]/Ø verificada, mas também da importância de certas variáveis para a presença ou ausência de glide: como vimos, por um lado, o aumento da velocidade de elocução propicia a elisão (ou melhor a redução) e, por outro, a posição inicial de I inibe a redução (sendo uma posição marcada, a palavra funcional ocorre, nesse caso na sua forma forte)³¹ - ambos estes factos favorecem pois uma análise em que as palavras funcionais não-acentuadas tenham uma forma forte e uma forma fraca.³² Note-se que, se houver redução, deixa de se estabelecer uma distinção fonética entre formas como as apresentadas em (26).

(26) Esta é a região de ouro *versus* Esta é a região Douro

Nestes casos, pensamos que é possível que a prosodização destas palavras funcionais envolva incorporação, numa estrutura semelhante a (24c). Esta hipótese e as suas consequências merecem, no entanto, maior atenção.

4. Conclusão

O estudo apresentado permite, segundo cremos, captar a natureza do(s) processo(s) de elisão de vogal não-recuada em função dos diferentes tipos (fonológicos) de palavras envolvidas e das diferentes configurações prosódicas em que surgem.

A análise proposta põe ainda em evidência o interesse de uma abordagem no quadro teórico da Fonologia Prosódica e da Fonologia Lexical: salientamos apenas a relevância dos constituintes Palavra Prosódica e Sintagma Fonológico e das estruturas com recursividade limitada, a articulação entre o tratamento das excepções e o das generalizações fonológicas, e ainda a importância da organização da componente Fonológica, nomeadamente, da distinção entre a componente lexical e a componente pós-lexical.

NOTAS:

* Gostaríamos de exprimir o nosso reconhecimento a Marina Nespor, Maria Helena Mateus, Sónia Frota e à audiência do XIII Encontro Nacional da APL pelos comentários e sugestões, que muito contribuíram para o melhoramento deste artigo. Agradecemos ainda a disponibilidade manifestada pelas nossas informantes Susana Mendonça, Iva Simas e Rita Patrício.

¹ Os juízos que aqui apresentamos baseiam-se, não só na nossa intuição, mas também numa tarefa de produção que levámos a cabo com três informantes falantes da variedade do Português de Lisboa. Trata-se de uma tarefa de leitura de quatro tipos de textos diferentes, produzidos em duas velocidades de elocução. Os textos integraram diferentes tipos de sequências de palavras envolvendo a vogal não-recuada em posição final seguida de vogal, em que se controlaram variáveis como: velocidade de elocução, estilo, tipo de palavras envolvidas (palavras acentuadas e palavras não-acentuadas), acento de palavra e acento de Sintagma Fonológico, itens lexicais particulares e posição das palavras funcionais dentro do Sintagma Entoacional. O *corpus* é constituído por 447 sequências em que o contexto pertinente se verifica, produzidas em duas velocidades por três informantes, totalizando portanto 2682 unidades. As gravações decorreram na sala insonorizada do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa. Agradecemos à Directora deste Laboratório, a Professora Doutora Raquel Delgado Martins, a disponibilização destas instalações.

² Exemplos retirados de Gonçalves Viana (1883:121).

³ Os dois primeiros exemplos fazem parte do nosso *corpus*; os dois últimos foram retirados de Ellison e Viana (1996:265).

⁴ Na recolha que efectuámos, em quase todas as circunstâncias em que glide é possível com palavras acentuadas seguidas de V2 acentuada, como em (2), obtivemos tanto produções com glide como produções sem glide. Isto é, nestas circunstâncias, a presença de glide parece ser opcional embora em certos casos a elisão nos pareça mais marcada do que noutros (cf. ponto 4.2.).

⁵ Exemplos retirados de Andrade e Viana (1993:63).

⁶ Por uma questão de homogeneidade optámos por grafar todas as sequências envolvendo os prefixos/palavras 'norte', 'entre' e 'sobre' com hífen.

⁷ No caso das siglas, estamos a assumir que cada designação de letra é uma palavra, que, se terminar em vogal não-recuada e for seguida por uma letra designada por uma palavra começada por vogal, produz um contexto do tipo do que estamos a descrever.

⁸ Por razões de espaço não nos é possível apresentar aqui as diferenças entre a nossa descrição e as acima referidas. Gostaríamos apenas de salientar, muito sucintamente, os seguintes casos mais significativos: (i) em sequências como (1), segundo Gonçalves Viana (1883:121), a realização de glide alternava com a elisão; (ii) nos casos que envolvem itens lexicais particulares, como os apresentados em (2), também se regista forte variação - por exemplo, a sequência "nove horas" aparece em Gonçalves Viana como admitindo apenas glide, enquanto hoje a realização com glide é somente uma das possibilidades e a sequência "vinte anos" surge em Sá Nogueira como admitindo igualmente elisão ou glide, enquanto nos parece hoje muito marcada a elisão; (iii) em sequências como (4) a realização como glide é considerada possível, embora menos frequente do que a elisão, em Sá Nogueira (1938) e em Ellison e Viana (1997). Finalmente, formas como as apresentadas em (5b-d) não aparecem habitualmente nas descrições que se debruçam sobre a alternância [j]/0. Já os casos notados em (3) e em (5a) são em geral incontestados (cf. por exemplo, Sá Nogueira 1938 e Andrade e Viana 1993), embora em Gonçalves Viana se considere que a elisão da vogal em formas como (3) seja impossível se V2 for portadora de acento, no caso de *que* mas não no caso de *de*.

⁹ Sobre a construção dos domínios prosódicos Sintagma Fonológico e Sintagma Entoacional, veja-se, nomeadamente, Nespor e Vogel (1986), Frota (1996) e Vigário (1995).

¹⁰ Na nossa recolha, em que estudámos a preposição *de*, as conjunções *que*, *de* e *se*, e os pronomes pessoais *me*, *te*, *se* e *lhe*, verificámos que, independentemente das variáveis envolvidas, a presença de glide caracteriza 67,6% das produções dos nossos informantes.

¹¹ Pensamos que o *estilo* também é uma variável pertinente, embora os nossos dados não sejam concludentes a este respeito. A nossa estratégia para elicitar diferentes estilos consistiu na apresentação de diferentes tipos de texto para leitura: (i) um excerto de "Os Maias", adaptado, que pretendia elicitar um estilo formal ou cuidado;

(ii) uma carta familiar, que pretendia eliciar um estilo informal; (iii) uma notícia jornalística, que pretendia eliciar um estilo intermédio, entre o formal e o informal. Recolhemos ainda dados de reconto de uma história infantil. A nossa hipótese para explicar a ausência de distinção clara entre as várias produções é a de que o facto de estarmos perante uma tarefa de leitura, por um lado, e uma tarefa de gravação, por outro, condicionou as produções dos nossos informantes, que optaram, em geral, por uma produção mais formal.

¹² Consideraremos aqui em particular o caso da vogal posterior, já que, por ser uma vogal alta, pode semivocalizar, como a vogal não-recuada. Por outro lado, a vogal central apresenta ainda algumas particularidades, relativamente às outras vogais átonas finais, como a possibilidade de crase quando seguida de vogal central ou, em circunstâncias mais restritas, de vogal posterior.

¹³ Em Frota (1996) é distinguida a situação de sequências de acento de nível 3-3, designadas como *antagonismo mínimo* ('minimal stress clash'), de situações envolvendo sequências de nível superior a 3, que designa por *antagonismos mais fortes* ('stronger clashes'). No que se refere à situação em interior de ϕ , apenas um antagonismo superior (isto é, 3-4) parece poder bloquear a elisão de vogal.

¹⁴ Em Gonçalves Viana (1883:122) um contraste semelhante ao que apresentamos em (6) é dado com a palavra *porque*: *porque este é bom versus porque este homem é bom*, em que apenas no segundo caso a elisão é possível, por V2 não ser portadora de "acento oratório". Note-se, porém que, de acordo com a nossa recolha, por um lado, hoje é possível elisão no primeiro contexto, por outro lado, com *porque* a glide pode ocorrer com V2 não-acentuada: veja-se o contraste, retirado do nosso *corpus*, entre *porque a mãe versus onde a ocupação*, em que apenas na primeira sequência a glide pode ocorrer. Estes dados mostram que, embora *porque* seja uma palavra funcional dissilábica, ela comporta-se hoje como uma palavra funcional não-acentuada, seguindo o mesmo padrão que *que*, por exemplo. Outras palavras dissilábicas não-acentuadas são *para* e *cada*, como as vogais reduzidas mostram. A situação de *onde* e de *durante* caracteriza, segundo cremos, a generalidade dos casos de palavras funcionais acentuadas, cujo comportamento é paralelo ao das palavras lexicais descrito em (2).

¹⁵ Exemplos baseados nos de Frota (1996:62-63).

¹⁶ Isto não significa que noutras circunstâncias o schwa não possa ser o resultado de uma inserção. É de referir também que é notado em Ellison e Viana (1996) que dados fonéticos evidenciando distinções como entre 'adaptar' e 'atapetar', apresentados em Andrade (1994), podem constituir contra-argumentos a uma análise de inserção.

¹⁷ Estamos a pressupor uma análise em que apenas no caso de a lateral se encontrar em posição intervocálica pela adição do morfema flexional, ela elide. É de notar que o facto de a regra de velarização da lateral final se aplicar muito tardiamente provoca uma perda de distinção entre as duas situações no singular ao nível fonético. Este facto não invalida o argumento já que, para darmos conta das duas realizações do plural, uma distinção fonológica deve ainda ser feita. Esta abordagem é distinta da de Andrade (1977), em cuja análise o contraste que apontámos não é considerado embora notado para formas terminadas *graficamente* em < l > (cf. nota 3, cap.3).

¹⁸ A realização como [α] é explicável pela aplicação de uma regra geral responsável pela dissimilação em relação à glide palatal, neste caso inserida (cf. Mateus 1975).

¹⁹ O contraste entre as formas em (13) e sequências como *nessé óptimo ano*, em que estamos perante um único ϕ básico e em que a glide não é de todo possível, é evidenciador da importância da noção de reestruturação.

²⁰ Sobre a atribuição de proeminência a l veja-se, nomeadamente, Nespor e Vogel (1986) e Frota (em preparação).

²¹ A instabilidade notada aponta, segundo cremos, para estarmos perante uma fase de um processo de mudança que ainda não atingiu o seu alvo. Uma comparação entre as descrições de outros autores e as nossas parece-nos apontar no mesmo sentido e permite extrair algumas conclusões acerca de outras fases dessa mudança. Por limitações de espaço, no entanto, este assunto não será aqui desenvolvido.

²² Para análises sintácticas da próclise veja-se, por exemplo, Martins (1994) e Duarte e Matos (1995). Para uma proposta de análise deste fenómeno em termos fonológicos, veja-se Frota e Vigário (1996).

²³ A incorporação de enclíticos na ω precedente é proposta, nomeadamente, em Booij (1996) para o Neerlandês, Peperkamp (1996) para o Lucano e em Wiese (1996) para o Alemão.

²⁴ Outros argumentos para os pronomes clíticos não serem ω s são apresentados em Vigário (a aparecer).

²⁵ Não queremos dizer que estes dois processos sejam idênticos aos que ocorrem quando a lateral ocupa a posição final na representação subjacente. É possível que haja uma distinção de grau, mas parece-nos claro que ambos os processos podem ocorrer em contextos como (17).

²⁶ O objectivo de Hayes (1990) é propor uma teoria de alomorfia que regule os casos de regras fonológicas que se aplicam entre palavras e que aparentemente fazem referência a informação sintáctica, de tal modo que estes casos não falseiem a hipótese forte de a fonologia não referir a sintaxe a não ser no momento da construção dos domínios prosódicos.

²⁷ Assumimos que as siglas têm o estatuto fonológico de compostos lexicais.

²⁸ A criação de antagonismos é evitada, através de diferentes processos, em diferentes línguas e a diferentes níveis da hierarquia prosódica (cf., por exemplo, Nespor e Vogel 1989).

²⁹ Este poderá ter sido o percurso de outras palavras contruídas com 'sobre', nomeadamente, 'sobremesa', 'sobressair', 'sobretudo', situações em que a primeira vogal já não pode deixar de ser alta, havendo, portanto, uma lexicalização das sequências com uma estrutura prosódica como (24c).

³⁰ Esta análise capta, nomeadamente, a irrelevância do acento de V2 na presença ou ausência de glide, uma vez que, não sendo estas palavras acentuadas, nunca ocorre a configuração de antagonismo que explica, no caso das palavras acentuadas, a ausência de elisão.

³¹ Esta é aliás a hipótese formulada em Frota (em preparação) a propósito da diferente frequência da forma forte e da forma reduzida de 'ao', em função da posição que ocupa em I.

³² Sobre formas fortes e fracas das palavras funcionais monossilábicas, veja-se, por exemplo, Selkirk (1984:cap.7) e (1995), para o Inglês. Note-se, no entanto, que o Inglês e o Português diferem neste domínio já que as formas fortes no Inglês têm o mesmo tratamento fonológico que as restantes palavras acentuadas, enquanto no Português as formas "fortes" são tratadas como não-acentuadas na componente lexical (cf. Vigário (a aparecer)).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. (1994) Estudo acústico de sequências de oclusivas em Português Europeu, in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 1-15.
- ANDRADE, E. (1977) *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa: INIC.
- ANDRADE, E. e M. C. Viana (1993) Que horas são às (1)3 e 15? , in *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 59-66.
- BARBOSA, J. M. (1994) *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- BOOIJ, G. (1995) *The Phonology of Dutch*. Oxford: Clarendon Press.
- BOOIJ, G. (1996) Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch, in *The Linguistic Review*, 13, 219-242.
- BOOIJ, G. e J. Rubach (1984) Morphological and prosodic domains in Lexical Phonology, in *Phonology Yearbook* 1, 1-29.
- BOOIJ, e J. Rubach (1987) Postcyclic versus Postlexical Rules in Lexical Phonology, in *LI*, 18(1), 1-44.
- ELLISON, M. e M. C. Viana (1996) Antagonismo e elisão das vogais átonas em P.E., in I. Duarte e M. Miguel (Orgs.) *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III. Lisboa: APL/Colibri, 261-282.
- FROTA, S. (1996) Prosodic phrases and European Portuguese: in search of evidence, in A. Bisetti et al. (eds.) *Proceedings of ConSOLE III*, Leiden: Sole, 47-69.

- FROTA, S. (em preparação) *Prosody and Focus in European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- FROTA, S. e M. Vigário (1996) On Weight Effects in European Portuguese, Comunicação apresentada no *Glow Workshop On Weight Effects*, Atenas, Abril 1996.
- GONÇALVES VIANA, A. R. (1883) Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne, in *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, 83-152.
- HAYES, B. (1989) The prosodic hierarchy in meter, in P. Kiparsky and G. Youmans (eds.) *Rhythm and Meter. Phonetics and Phonology I*. New York: Academic Press, 201-260.
- HAYES, B. (1990) Precompiled Phrasal Phonology, in S. Inkelas and D. Zec (eds.) *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago: University Chicago Press, 85-108.
- KIPARSKY, P. (1982) From cyclic to lexical phonology, in H. van der Hulst e N. Smith (eds.) *The Structure of Phonological Representations I*. Dordrecht: Foris, 131-175.
- MATEUS, M. H. (1975) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: INIC.
- NESPOR, M. (1990) Vowel deletion in Italian: the organization of the phonological component. *The Linguistic Review* 7, 375-398.
- NESPOR, M. e I. Vogel (1986) *Prosodic Phonology*, in Dordrecht: Foris.
- NESPOR, M. e I. Vogel (1989) On clashes and lapses, in *Phonology* 6, 69-116.
- PEPERKAMP, S. (1996) On the prosodic representation of clitics, in U. Kleinhenz (ed.) *Interfaces in Phonology*. Studia Grammatica 41. Berlin: Akademie Verlag, 102-127.
- SÁ NOGUEIRA, R. (1938) *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- SELKIRK, E. (1984) *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- SELKIRK, E. (1995) The prosodic structure of function words, in J. Beckman *et al.* (eds.) *Papers in Optimality Theory*. University of Massachusetts Occasional Papers 18. Amherst, MA: GLSA, 439-469.
- VIGÁRIO, M. (1995) Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- VIGÁRIO, M. (a aparecer), On the Prosodic Status of Stressless Functional Words in European Portuguese, in T. A. Hall e U. Kleinhenz (eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins.
- VIGÁRIO, M. (1997) Processos de desambiguação prosódica em estruturas com advérbios de exclusão, in A. M. Brito *et al.* (eds.). *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 855-868.
- WIESE, R. (1996) *The Phonology of German*. Oxford: Clarendon Press.